

O PROCESSO DO LUTO ENFRENTADO PELOS TUTORES COM A PERDA DE SEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO.

THE GRIEVING PROCESS FACED BY GUARDIANS WITH THE LOSS OF THEIR PETS.

Ingrid Karolline Rios Bello Ferreira Pinto¹

Vinicius Novais Gonçalves de Andrade²

RESUMO: Tendo em vista a vivência cada vez mais frequente de pessoas com animais de estimação e a intensificação do vínculo afetivo formado através dessa relação, que muitas vezes é comparado ao amor de um filho, quando o tutor se depara com a interrupção desse vínculo pela perda do animal, se torna inevitável o sofrimento. Diante disso, este trabalho tem como objetivo identificar como ocorre o processo de enfrentamento do luto por tutores com a perda de seus animais de estimação, discutindo e apontando quais as contribuições e a importância do profissional psicólogo nesse acompanhamento. Foi realizada uma revisão narrativa de literatura científica, nas bases de dados PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), *Google Scholar*, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Sendo assim, verificou-se que as relações entre os seres humanos e os animais não datam da atualidade, mas que adquire sentidos múltiplos em diferentes tempos históricos, que em decorrência da vivência com esses animais de estimação, os vínculos emocionais foram desenvolvidos de maneira muito intensa, ocasionando um sofrimento profundo para o tutor quando ocorre o processo do luto. Foi possível concluir sobre a importância do profissional psicólogo no auxílio do enfrentamento desse luto, possibilitando escuta ativa e validando o sentimento do tutor enlutado.

PALAVRAS-CHAVE: Animal de estimação. Psicologia. Luto. Tutores.

ABSTRACT: Given the increasingly frequent experience of people with pets and the intensification of the emotional bond formed through this relationship, which is often compared to the love of a child, when the guardian is faced with the interruption of this bond by the loss of the animal, suffering becomes inevitable. Therefore, this work identifies how the process of coping with grief occurs for guardians with the loss of their pets, discussing and identifying the contributions and importance of the professional psychologist in this accompaniment. A narrative review of scientific

¹ Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Alfredo Nasser, Contato: ingridriosbf@gmail.com

² Pós-doutorado em Psicologia. Doutor em Psicologia pela PUC Goiás (com período de doutorado sanduíche na Universidade do Porto na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação). Mestre em Psicologia (PUC Goiás). Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Psicanalista. Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser e docente da mesma instituição. Contato: viniciusnovais@unifan.edu.br

literature was carried out, in the databases PEPSIC (Electronic Periodicals in Psychology), Google Scholar, SciELO (Scientific Electronic Library Online). Thus, it was found that the relationships between humans and animals do not date from the present, but acquire multiple meanings at different historical times, that as a result of living with these pets, emotional bonds were developed very intensely, causing deep suffering for the guardian when the grieving process occurs. It was possible to conclude about the importance of the professional psychologist in helping to cope with this grief, allowing active listening and validating the feeling of the bereaved guardian.

KEYWORDS: Pet. Psychology. Grief. Guardians.

1. INTRODUÇÃO

Animais de estimação são definidos como aqueles que são domesticados e que vivem dentro do lar independente da espécie (Wisniewsk, 2019). A relação entre tutores e animais de estimação está cada vez mais frequentes em nossa sociedade. Os animais são considerados membros da família, recebem nomes próprios e ganham espaço nos lares e nas rotinas, transformando essa família em multiespécie, que são aquelas que possuem em sua composição, além de seres humanos, membros de outras espécies animais (Faraco; Seminotti, 2010).

A interação entre o ser humano e animais de estimação vem passando por intensas modificações e adquirindo características bastante peculiares (Vieira, 2019). O vínculo se intensificou, desse modo, os animais se tornaram parte da composição familiar, desenvolvendo por inúmeras vezes o papel de filhos, levando os humanos a modificarem suas vidas, adaptando suas rotinas, assumindo responsabilidades de cuidados semelhantes aos fornecidos a uma pessoa (Aguilar; Alves, 2021).

Através dessa relação, os seres humanos construíram com os animais um vínculo semelhante ao que é desenvolvido entre membros da mesma espécie. (Gazzana; Schmidt, 2015). Se, antigamente, os animais viviam nos quintais dos lares, hoje vivem dentro das casas, tendo acesso aos quartos e dependências de descanso, desfrutando de alimentação especial e cuidados diversos (Vieira, 2019).

Com a intensificação desse vínculo, tornou-se difícil o processo de enfrentamento do luto pelos tutores com a perda de seus animais de estimação, potencializando o sofrimento desse tutor, que são aqueles que cuidam e que fornecem suporte para algo ou alguém (Veira, 2011).

Desse modo, o presente artigo teve como principal objetivo levantar o seguinte questionamento “Como seria possível auxiliar o indivíduo a enfrentar o processo do luto vivenciado com a perda de seus animais de estimação?”, além de identificar como essa perda pode influenciar em sua vivência cotidiana como sujeito.

Em razão de ser uma temática pouco abordada, a intenção é entender os traumas que ficam, como é vivida essa perda, pois de acordo com Vieira (2019) em algum momento, milhões de pessoas sofrerão pela morte de um animal de estimação. É importante destacar que será considerado como esse tutor se vê ao não ter um suporte para realizar o enfrentamento desse momento, visto que as relações com animais de estimação geram um laço afetivo real em que muitas vezes pode ser comparado ao amor de um filho, e o que ocorre são apontamentos da sociedade em decorrência do sofrimento vívido. E ressaltar que o apego existente entre o tutor e seu animal pode trazer benefícios, e contribuir para novos estudos sobre essa temática.

Nesse sentido, o artigo tem, pontualmente, como objetivo, identificar o processo de enfrentamento do luto por tutores de animais de estimação e discutir a importância do profissional psicólogo nesse acompanhamento; investigar como iniciou a relação de apego entre animais de estimação e tutores; analisar o que causa maior sofrimento quando ocorre a perda e identificar quais contribuições o profissional psicólogo poderá desempenhar para auxiliar no enfrentamento deste processo.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão narrativa de literatura científica, um processo simplificado de revisar literatura, onde a questão de pesquisa pode ser mais ampla (Casarin et al., 2020). Para a coleta de dados foram pesquisados artigos nas bases de dados PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), *Google Scholar*, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Os descritores empregados: luto, morte, apego, animais de estimação, sofrimento, tutores. Foram selecionados artigos publicados no período de 2010 a 2023, pois ainda são escassos os conteúdos voltados ao tema que foi abordado, em língua portuguesa e que estivesse disponível virtualmente no momento do desenvolvimento da pesquisa.

Para a sistematização dos artigos com dados bibliográficos, foram construídas categorias temáticas que abordaram: literatura relacionada à vivência dos animais de

estimação com seus tutores; o apego construído em decorrência dos vínculos que são formados; os impactos psicológicos, os quais são ocasionados devido à perda e como a psicologia contribuiu e contribui no enfrentamento deste processo. Foram feitas leituras e fichamentos do material e análise das informações científicas se deu a partir das teorias desenvolvidas pelas ciências psicológicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A relação entre ser humano e animais de estimação foi desenvolvida por intensas modificações, desse modo, na seção resultados e discussões, serão realizadas análises e discussões a partir de três aspectos, sendo eles, primeiramente, as bases históricas, apresentando as transformações e evoluções históricas da construção dessa relação. Em seguida, os principais conceitos, trazendo os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do vínculo de afeto e a inserção dos animais no ambiente familiar, e por último, o luto vivenciado em decorrência da perda dos animais de estimação e as contribuições da psicologia no processo de enfrentamento desse luto.

3.1 Bases históricas das relações dos seres humanos com os animais

No decorrer da história da cultura, desde a pré-história até hoje, os animais tiveram variadas atribuições e significados, desde a finalidade de alimentar os humanos, como também os trabalhos que podem exercer, até atualmente serem enquadrados no contexto familiar e ocuparem um lugar de centralidade nos lares. O conceito de família se ampliou e trouxe para sua intimidade a presença dos animais, considerados pelos familiares como um filho (Belchior; Dias, 2020).

De acordo com Caetano (2010), durante sua evolução, o ser humano na pré-história identificou que, para além de oferecer ameaças e perigo, os animais eram utilizados como fonte de alimento, mas também poderiam dar suporte e auxílio na realização de atividades do cotidiano, como a caça, o transporte e proteção.

Conforme descrevem Frota e Casotti (2023), na idade média os animais serviam exclusivamente para atender as necessidades humanas, tradição que foi

perdurada até o início da modernidade, onde o desenvolvimento e a ideia de família se davam exclusivamente com a presença humana, pois, introduzir a presença de animais nos lares era anteriormente reprovável, suscitando desconfiança moral em relação àqueles que os integravam no ambiente familiar, especialmente em relação à maneira como tratavam esses animais, incorporando-os à estrutura da família e atribuindo-lhes considerável importância, (Gaedtke, 2017).

De acordo com Giumelli e Santos (2016), a relação ser humano e animal estava presente também na mitologia, onde havia a junção de animais misturados com humanos na composição de Deuses, sendo fonte de proteção e esperança. Na contemporaneidade ocorreu uma mudança nesse cenário, onde a visão de superioridade do ser humano sobre o animal se rompeu, trazendo de forma mais igualitária sua relação com outras espécies, (Frota; Casotti, 2023).

A vivência com os animais é influenciada a partir das determinações sociais e culturais, pois alguns animais que são fontes de alimento em alguns países, em outros são considerados sagrados ou de estimação, portanto, se ele será utilizado para consumo, para serviço ou de afeto dependerá dos fatores culturais e do tempo histórico em questão, (Oliveira, 2013).

Não se sabe com exatidão quando os animais passaram a ser domesticados pelo homem. Para Giumelli e Santos (2016), a interação humano-animal pode ter surgido a partir do lobo, que ao se relacionar com o ser humano desenvolveu características mais dóceis, fornecendo proteção a sua casa e auxiliando na caça. Segundo Belchior e Dias (2020), com o avanço da domesticação, os animais tiveram uma modificação em sua experiência, sendo transformados em animais de companhia, passando a receber das pessoas afeto, cuidado e leis específicas para garantir seu bem-estar. Nesse contexto, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população de animais de estimação no Brasil em 2013, era de cerca de 132 milhões (IBGE, 2013).

Dentre as características que foram identificadas no decorrer da evolução da relação ser humano-animal, a intensificação do vínculo construído das pessoas com os animais e vice-versa foi a principal. Atualmente, nos deparamos com frequência com diversas famílias mutiespécies, que são aquelas que possuem em sua

composição, além dos seres humanos, membros de outras espécies animais, (Faraco; Seminotti, 2010).

Com o desenvolvimento da relação animal-ser humano e as influências culturais, o resultado se faz presente quando os animais são comparados a filhos e irmãos dentro em um grupo familiar. Segundo Gaedtke (2017), além disso, as mulheres são consideradas mães, vinculando a ideia tanto do instinto animal quanto materno. A comparação feita entre essas relações ocorre pela presença do afeto que é construído. Através dessa relação, os seres humanos construíram com os animais uma intimidade que se assemelha e mesma desenvolvida com membros da mesma espécie, (Gazzana; Schmidt, 2015).

3.2 Vínculos afetivos construídos com animais de estimação

A relação do ser humano com os animais de estimação desenvolve alterações comportamentais muito positivas, promovendo desenvolvimento de habilidades, por serem criados vínculos de apego muito intensos e recíprocos, de modo que quanto maior o afeto presente, maior se torna o vínculo entre ambos, (Gazzana; Schmidt, 2015).

Nessa relação está presente sentimentos de afeto, desenvolvidos com a influência de diversos fatores, dentre eles a companhia diária, a contribuição na redução de estresse do tutor, o carinho que advindo de uma relação constituída de maneira singular, pois os animais se doam sendo aliados de seu tutor em “todas” as situações. Se fazem presentes sentimentos de segurança e bem-estar, características que também são encontradas nas relações com uma pessoa, (Vieira, 2019).

De acordo com Lazzari (2020), esse apego que é desenvolvido auxilia na qualidade da interação entre ambos, trazendo uma satisfação de suas necessidades, e esse comportamento de apego é caracterizado como aquele em que o sujeito é capaz de alcançar e manter próximo de si, nesse contexto, a proximidade e o vínculo é voltado para o animal de estimação.

A ligação entre o ser humano e o animal de estimação pode ser potencializada segundo as características e espécie do animal, pelas condições de vida em que o sujeito se encontra, pelos momentos que já vivenciaram juntos, pelo tempo que já

fazem parte da vida um do outro, pela fonte de apoio que o animal pode ser para seu tutor, estando presente em situações de perda e ausência de familiares, (Marques, 2021).

Os animais de estimação possuem um papel diferente na vida de cada sujeito, levando em consideração a fase de desenvolvimento na qual o indivíduo se encontra, por exemplo, podem contribuir emocional, física e socialmente na vida das crianças, de modo que o amor e a ligação com os animais quando compartilhado desde a infância contribui para sentimentos e experiências positivas, tornando-as mais afetivas, solidárias e auxiliando em uma melhor compreensão dos ciclos da vida, (Passos, 2019). Na velhice, a convivência com animais também desenvolve diversos aspectos positivos, reduzindo sintomas depressivos, tristeza, solidão, proporcionando hábitos saudáveis e companhia, (Soares, 2021). Além de fornecer estímulo a prática de exercício em pessoas com obesidade ou sedentárias (Passos, 2019).

Em decorrência da construção dessa relação, os seres humanos associam o vínculo com os animais de estimação semelhantemente a um relacionamento com uma pessoa, (Vieira, 2019). Ao estarem inseridos no contexto familiar os animais participam diariamente do cotidiano das pessoas, sendo seus 'confidentes' em momentos alegres e tristes, fazendo parte das fases de seu desenvolvimento pessoal e familiar, (Oliveira, 2013). Assim,

Os animais de estimação podem vir a auxiliar o sujeito na vivência de valores e no enfrentamento de adversidades, gerando, para além disso, mudanças positivas de comportamento e significativa melhora na sua saúde física e mental. Os animais constituem-se, assim, como um meio de afeto, que em troca disso nada pedem, mas merecem a retribuição de todo o amor e carinho que, genuinamente, oferecem (Passos, 2019, p.44)

Com a convivência diária, os tutores constroem um forte afeto em relação aos seus animais, por estarem presentes em todos os momentos, sendo seus companheiros quando outros familiares se ausentam, assumindo o papel de um amigo, tornando-se um membro familiar e dependendo diariamente de cuidados. Com o crescimento desse vínculo os animais deixam de ser vistos como simples objetos de afeto, mas como seres que amam, pensam e sentem.

Ao decidir criar um animal de estimação, os tutores assumem a responsabilidade de adequar sua rotina para novas atividades e mudanças que irão

promover qualidade de vida e bem-estar ao animal. E os sentimentos de insegurança, esforço, dedicação presentes nessas famílias multiespécies, se assemelham aos de uma família exclusivamente humana (Gaedtke, 2017). Os tutores deixam de frequentar lugares por não poderem se ausentar, devem cumprir horários de alimentação, administrar medicamentos quando os animais ficam doentes, exercendo um papel de cuidado e afeto.

Para essas famílias consideradas multiespécies, os membros animais são considerados como filhos, recebem nomes que se dariam a um possível filho humano, em alguns casos recebem até registro no cartório, ocupando um espaço significativo na vida desses tutores. E em famílias que já possuem filhos, são titulados como irmãos (Gaedtke, 2017).

Ao criar um animal de estimação, independente da espécie, é atribuído pelo tutor a mesma responsabilidade exigida para a criação de uma criança, são necessários cuidados básicos como alimentação, interação diária, higiene, educação, mas, também, amor, afeto e atenção. A manutenção dessa relação é desenvolvida com a junção desses fatores que é construído diariamente, pois o animal depende totalmente do tutor para ser cuidado. De acordo com Belchior e Dias (2020, p. 18)

O animal não humano assume a condição de filho na vida dos consortes familiares, ao acordar cumprimentar com primeiro “bom dia”; colocar a refeição; banhar; educar; preocupar-se quando ficam doentes; levar ao veterinário; proporcionar conforto; dar atenção; brincar; levar para passear; o medo de perder aquele ser extremamente dependente. Ser pai ou mãe vai muito além do ser ou não ser imposto pelo ordenamento jurídico, é sentir-se, todos os dias, responsável e amar incondicionalmente aquele ser, independentemente de ser uma pessoa ou um animal.

Com a construção desse vínculo, a proximidade do tutor com seu animal de estimação transforma sua relação, que desenvolve um sentimento afetivo intenso, tendo um grau elevado de importância na vida sujeito, os animais fornecem afeto, consolo, conforto e alívio.

Têm-se os constantes casos de desaparecimento de animais, nos quais os tutores, movidos pelo desespero, oferecem até mesmo recompensa, na maioria das vezes pecuniária, pela devolução do animal desaparecido. Outro fator que merece destaque é a preocupação com o estado de saúde dos animais de companhia, cujos tutores despendem quantias altas para a reabilitação da saúde do animal na tentativa de poupá-lo de sofrimento e da morte, (Belchior; Dias, 2020, p.16)

A convivência com os animais de estimação é cercada por momentos felizes, desse modo, ao vivenciar a interrupção desse vínculo, é inevitável o sofrimento. Para o tutor lidar com a perda do animal de estimação que possui um vínculo, ou a perda da representação que ele tem em sua vida, pode acarretar o processo do luto, que, de acordo com Ramos (2016), está associado ao momento posterior a morte de um ente querido, neste caso se trata dos animais de estimação.

De acordo com Bessa (2022), o processo do luto tem início na situação em que ocorre a perda, seja pela morte concreta ou não, mas em momentos que o impacto é como se houvesse, pois, quando ao ter a interrupção desse vínculo perde-se a estabilidade, segurança de mundo e percepção de controle.

Para Oliveira (2013) com a intensificação dessa relação, o afeto se torna cada vez mais presente, o que potencializa o sofrimento do sujeito em decorrência da morte do animal, pois se trata de um membro da família, desse modo ocorrem alterações de comportamentos e o indivíduo se depara com uma mudança significativa em sua vida, sendo necessária atenção a saúde do tutor enlutado.

A forma de se lidar com o luto é vivida de maneira singular para cada sujeito, pois está associada a sua subjetividade, a rede de apoio fornecida, ao significado que é atribuído ao que foi afastado, e mesmo com a influência de todos esses fatores, ainda sim é marcado por um momento doloroso e de sofrimento intenso, (Corrêa, 2012).

São diversos os fatores que contribuem para a intensificação do sofrimento diante da perda dos animais de estimação, dentre eles temos a forma em que ocorreu a perda, se foi de maneira esperada ou inesperada, por doenças, se houve a falta de suporte emocional, e a não validação desse sentimento. De acordo com Lazzari (2020, p. 24) “o não reconhecimento da perda inicia com o próprio enlutado, que censura de forma consciente ou inconsciente, agindo sobre o seu comportamento e inibindo a sua expressão de pesar”. Desse modo, dependendo do contexto no qual o sujeito está inserido, o processo do luto, que pode ser lidado de forma natural, dependerá de ajuda profissional para ser vivido, (Oliveira, 2013).

3.3 O luto pela morte do animal de estimação: psicólogos podem auxiliar na redução do sofrimento?

Os animais estão auxiliando o ser humano em diversos aspectos, como a promoção de saúde mental e física, portanto, o crescente número de animais de estimação demonstra a importância desse vínculo na experiência do sujeito (PASSOS, 2016). A convivência com esses animais proporciona bem-estar, reduzindo solidão, aliviando sintomas de ansiedade, depressão e promovendo interação social, (Souza; Castro, 2022).

O luto é considerado uma junção de respostas físicas, emocionais e comportamentais perante a perda de algo ou alguém que tenha uma representação significativa para o indivíduo, (Vieira, 2019). Portanto, para haver compreensão acerca do impacto vivido quando ocorre a perda desse animal, deve-se entender o grau de apego presente na relação interrompida, pois o ambiente do sujeito será modificado, provocando alterações de comportamento, de modo que a ausência de acolhimento e empatia potencializará os sentimentos presentes em decorrência da perda, (Lazzari, 2020).

O processo do luto pela perda de algo ou alguém importante, acarreta diversos sentimentos para o sujeito, “[...] e viver o pesar, sem ser acolhido em sua dor, guardará esse sentimento para si, podendo desenvolver doenças psicossomáticas” (Lapa; Nogueira, 2022, p. 6). O tutor, ao enfrentar a perda de seu animal de estimação, está lidando com um momento delicado, onde é revisitado sentimentos variados como a culpa e a incapacidade por não conseguir evitar a situação, a tristeza, a saudade e, desse modo, possui a necessidade de expressar seu sofrimento, e ser entendido em sua dor, sentir-se ouvido e acolhido, e em determinadas circunstâncias isso não ocorre, tornando seu sentimento invalidado, de modo que como forma de enfrentamento acaba reprimindo a sua dor.

A cultura influencia na forma como que cada sujeito agirá em seu cotidiano, desse modo, a sociedade determina por quem é possível viver o luto e lamentar a perda, em decorrência disso muitos tutores não encontram o reconhecimento do seu luto, acarretando até o sentimento de vergonha, pela ausência de empatia e acolhimento em seu meio social. A falta de espaço para expressar seus sentimentos, o não reconhecimento da sua dor por se tratarem de animais de estimação, a impossibilidade ou a vergonha de realizar uma cerimônia, ou possível momento de despedida, tornam esse momento ainda mais árduo e pesado de ser vivido, (Lapa; Nogueira, 2022). Portanto, o tutor enlutado acaba abafando suas dores, não trabalhando o luto de maneira adequada, podendo transformar o que é considerado

luto normal em luto patológico, que de acordo com Ramos (2016) se trata da intensificação do processo do luto, podendo gerar comportamentos não adaptativos.

O luto é vivenciado de maneira singular para cada indivíduo, e a forma de lidar com esse momento, de acordo com Lazzari (2020) dependerá das condições sociais e psicológicas do sujeito, o período durante e após a perda, a rede de apoio fornecida, se vive sozinho ou com outras pessoas, tornando assim o processo do luto mais intenso ou mais fácil de ser manejado.

Quando se vivencia perda de um animal de estimação, esse luto é considerado um luto não reconhecido, por se tratar de uma experiência que não pode ser vivida abertamente, não pode ser expresso de maneira livre ou socialmente suportado, (Casellato et al. 2015).

Para Lazzari (2020, p. 25), “o luto, quando não é reconhecido, tende a levar o indivíduo a isolar-se, pois não tem um espaço que lhe possibilite se ouvir e ser ouvido.” Em decorrência disso se faz necessário o suporte psicológico para além do acolhimento, são diversas as contribuições que o psicólogo poderá desempenhar para auxiliar o sujeito a lidar com esse momento, trazendo uma escuta ativa, validando o sentimento do sujeito enlutado, auxiliando a processar a dor do luto, trabalhando a aceitação da sua perda, possibilitando a expressão de suas experiências e angústias, tendo o profissional psicólogo um papel importante no auxílio de manejos para a elaboração desse luto que em determinados casos não é reconhecido. Pois de acordo com Lapa e Nogueira, (2022, p. 253)

Essas manifestações são naturais e esperadas, nas quais o enlutado irá vivenciando esse processo. Encontrar, no âmbito social, reconhecimento e espaço para viver o pesar, sentindo-se acolhido e conseguindo espaço para compartilhar os sentimentos em relação à perda, permite, ao enlutado, uma melhor vivência do luto.

Outras estratégias que o profissional psicólogo pode utilizar para fornecer um suporte adequado no processo do luto, são a criação de grupos terapêuticos, segundo Bessa (2022), dentre os benefícios fornecidos pelos grupos estão a possibilidade de se trocar as experiências vividas, possibilitando o fortalecimento de relações e o compartilhamento de anseios, angústias, fornecendo um espaço para escuta ativa e validação de sentimentos, mostrando que sua história não é única e que não estão sozinhos. Para ocorrer a expressão dos sentimentos, é necessário ser compartilhado

com quem legitime a dor do tutor enlutado, o que ocorre de maneira escassa no meio social, devido à perda de um animal não ser reconhecida, normalmente.

De acordo com Vieira (2019) tornando o processo de enfrentamento do luto mais árduo de ser vivido é a dificuldade que o sujeito encontra em expressar os seus sentimentos, por se tratar de animais de estimação, não é considerado significativo. Desse modo, é reforçada a importância do profissional psicólogo nesse processo auxiliando a elaborar essa perda, permitindo que o tutor expresse o seu pesar, ressignificando a sua perda, contribuindo na redução do sofrimento e auxiliando na promoção de saúde mental.

Nesse sentido, de acordo com Daversa (2023) o acompanhamento psicológico pode proporcionar ao tutor enlutado um ambiente seguro e acolhedor, permitindo que seja explorado os sentimentos e pensamentos complexos e negligenciados ligados a essa perda, permitindo que seja atribuído um novo significado ao que foi perdido e um novo sentido a sua experiência, possibilitando uma reorganização emocional. O profissional psicólogo deve acolher o sujeito, oferecendo escuta empática, permitindo a livre expressão de sua dor.

A partir desse acolhimento, da escuta qualificada, por ser proporcionado ao tutor um espaço que permita viver a sua dor, assegura que o sujeito tenha seu luto validado, aceitando a sua perda, trazendo adaptação ao ambiente sem o animal perdido, possibilitando a continuidade de sua vida sem esquecer as boas lembranças, (Daversa, 2023).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar como seria possível auxiliar o indivíduo a enfrentar o processo do luto quando se perde um animal de estimação, pois apesar dos animais estarem frequentemente inseridos na composição familiar, lidar com essa perda ainda é algo negligenciado, no qual o tutor não recebe o suporte adequado.

Apesar de a relação ser humano e animal ser existente desde o início da história da humanidade, foi possível observar as diversas transformações desenvolvidas durante essa evolução, principalmente em decorrência de determinações culturais e sociais, até atualmente os animais serem inseridos no contexto familiar e fazerem parte dos vínculos afetivos.

Em decorrência da vivência com esses animais de estimação, os vínculos emocionais foram desenvolvidos de maneira muito intensa, transformando-os em integrantes da família, estando presentes em momentos felizes e tristes, contribuindo em diversos aspectos, sejam em relação à promoção de saúde mental e física, como fornecimento de amor e afeto.

Em decorrência desse afeto, o processo do luto vivido com a perda do animal de estimação acarreta um sofrimento intenso para o tutor, que ainda não é validado pela sociedade. Muitos tutores acabaram reprimindo sua dor por não receber o acolhimento necessário.

Desse modo, através dos resultados apresentados, se fez presente a importância do profissional psicólogo no auxílio do enfrentamento do processo do luto, trazendo uma escuta ativa, validando o sentimento do tutor enlutado, possibilitando a expressão de seus sentimentos, trabalhando para que esse luto seja manejado de maneira saudável, evitando sintoma de ansiedade, depressão e solidão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. de S. de; ALVES, C. F. A família multiespécie: um estudo sobre casais sem filhos e tutores de pets. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 19-30, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200003. Acesso em: 03 out. 2023.

BELCHIOR, G. P. N.; DIAS, M. R. M. S. Os animais de estimação como membros do agrupamento familiar. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 15, n. 3, p. 31-52, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/38788/21900>. Acesso em: 18 set. 2023.

BESSA, A. K. GRUPO ACONCHEGO LUTO PET: UM ESPAÇO PARA FALAR DE AMOR. In: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19 **No âmbito do Conselho Regional de Psicologia da 9ª Região**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: https://www.crp09.org.br/portal/images/Contribuições_da_psicologia_-_ebook_-_EDIÇÃO_REVISADA.pdf. Acesso em: 11 out. 2023.

CAETANO, E. C. **As contribuições da TAA - Terapia Assistiva por Animais à Psicologia**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: https://patastherapeutas.com.br/pesquisas/data/files/100/1599497447_2RUXUA4mtKQUoQY.pdf. Acesso em: 1 out. 2023.

CASARIN, S. T. et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 10, n. 5, e20104031, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924/11995>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CASELLATO, G. et al. O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido. São Paulo: **Summus Editorial**, 2015.

CORREA, D. A. Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 180-188, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n3/v14n3a15.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

DAVERSA, M. C. A. PSICOTERAPIA COMO SUPORTE EMOCIONAL EM SITUAÇÕES DE LUTO NÃO RECONHECIDO. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 11, p. 22004-22024, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1972/1572>. Acesso em: 17 nov. 2023.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. **Psico**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8162/5852>. Acesso em: 14 set. 2023.

FROTA, R.; CASOTTI, L. M. Quem somos nós e quem são eles? Transformações históricas da violência na relação homem-animal à luz de expressões artísticas. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. e2022-0022, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/DQQ5zHvtHgV7tQrXdsvwvq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2023.

GAEDTKE, K. M. Afeto e cuidado nas relações entre humanos e seus animais de estimação. **Revista de Ciências Sociais**, Ponta Grossa, v. 24, n. 3, p. 84-99, 2019. Disponível: DOI: 10.5433/2176-6665.2019v24n3p84. Acesso em: 12 ago. 2023.

GAZZANA, C.; SCHMIDT, B. **Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie**. In: Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha. Saúde e Ciências Agroveterinárias, III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG, Caxias do Sul, 2015. p. 1001-1020. Disponível em: <https://ojs.fsg.edu.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/1600>. Acesso em: 08 out. 2023.

GIUMELLI, R. D.; SANTOS, M. C. P. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 49-58, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100007. Acesso em: 30 ago. 2023.

IBGE. População de animais de estimação no Brasil – 2013. **ABINPET 79.pdf** – Português (Brasil).

LAPA, D. M. K.; NOGUEIRA, M. T. D. O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação: Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS. **Psic. Rev.**, [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/52336/40797>. Acesso em: 11 out. 2023.

LAZZARI, M. **O Luto de famílias multiespécie na perspectiva da teoria do apego**. 2020. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8409/TCC%20Marciele%20Lazzari.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 set. 2023.

MARQUES, R. **Vínculo humano-animal e processo de luto após a sua perda**. 2021. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41539/1/Raquel Marques.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41539/1/Raquel%20Marques.pdf). Acesso em: 23 set. 2023.

OLIVEIRA, D. de. **O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15313/1/Deria de Oliveira.pdf](https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15313/1/Deria%20de%20Oliveira.pdf). Acesso em: 07 set. 2023.

PASSOS, J. T. **CONVIVÊNCIA COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E BUSCA DE SENTIDO DA VIDA**. Universidade de Caxias do Sul, [S. l.], p. 9-46, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4970/TCC%20Julia%20Troian%20Passos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 set. 2023.

RAMOS, V. **O processo de luto**. [S. l.], p. 1-16, set. 2016. Disponível em: <https://www.integra.pt/textos/luto.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOARES, N. V. V. **RELAÇÕES DE APEGO ENTRE IDOSOS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO**. Universidade de Caxias do Sul, [S. l.], p. 7-45, 21 nov. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/10689/TCC%20Nicole%20Velho%20Vasques%20Soares.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Os%20animais%20de%20estima%C3%A7%C3%A3o%20quando,Heiden%20%26%20Santos%2C%202012>). Acesso em: 29 out. 2023.

VIEIRA, M. N. F. Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 239-257, jan. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000100014. Acesso em: 11 out. 2023.

WISNIEWSKI, P. Animais de estimação como seres de direito e a (im)possibilidade da guarda nos casos de ruptura do vínculo conjugal dos guardiões. **Revista Interdisciplinar de Ciência Aplicada**, [S. l.], v. 4, p. 24-35, 2019.